

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

WANESSA FONSECA DE GOES

**POR QUE O MUNDO NÃO ACABOU NA DÉCADA DE 80: ENGENHEIROS DO
HAWAII E A NARRATIVA DE UMA ÉPOCA**

**SÃO CRISTÓVÃO/SE
2018.2**

WANESSA FONSECA DE GOES

**POR QUE O MUNDO NÃO ACABOU NA DÉCADA DE 80: ENGENHEIROS DO
HAWAII E A NARRATIVA DE UMA ÉPOCA**

Artigo apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe, como requisito obrigatório para a conclusão do curso Licenciatura Pleno em História.

Orientador:
Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos

SÃO CRISTÓVÃO/SE
2018.2

RESUMO

Os anos oitenta foram turbulentos em todo o mundo como consequência da bipolarização formada pelo conflito entre socialismo e capitalismo. No Brasil, o contexto era de transição de um regime ditatorial militar para democracia presidencialista. A juventude brasileira encontrou no estilo de música e vida do rock and roll uma forma de expressão dos seus sentimentos quanto à sociedade que vivia a passo de acabar com as ameaças nucleares existentes no período da Guerra Fria. Este artigo pretende analisar o cenário mundial a partir do olhar dos Engenheiros do Hawaii, banda de jovens criada no início da década de 1980, examinando algumas de suas composições com o intuito de legitimar o uso da música como fonte histórica potencial e evidenciando como ela pode ser utilizada como recurso didático em aulas de história facilitando o processo de ensino- aprendizagem em sala de aula.

Palavras-chave: Rock; Brasil; Engenheiros do Hawaii; 1980.

ABSTRACT

The eighties were turbulent around the world as a consequence of the bipolarization formed by the conflict between socialism and capitalism. In Brazil the context was a transition from a dictatorial military regime to presidential democracy. The Brazilian youth found in rock and roll style of music and life a way of expressing their feelings about the society that lived to stop the nuclear threats existing in the period of the Cold War. This article intends to analyze the world scenario from the look of the Engineers of Hawaii, youth band created in the early 1980s, examining some of their compositions with the purpose of legitimizing the use of music as a potential historical source and showing how it can be used as didactic resource in history classes facilitating the teaching-learning process in the classroom.

Keywords: Rock; Brazil; Engenheiros do Hawaii; 1980s.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
1. ENTENDENDO A DÉCADA DE 1980	7
1.1. Breves comentários sobre meados do século XX.....	7
1.2. Descobrindo os anos 80	11
2. O LUGAR DA BANDA ENGENHEIROS DO HAWAII NA HISTÓRIA DO ROCK BRASILEIRO	13
2.1. O que é Rock?.....	13
2.2. O rock no Brasil	14
2.3. Conhecendo os Engenheiros do Hawaii.....	15
3. HISTÓRIA, LETRAS E CANÇÕES: A NARRATIVA HISTÓRICA DE UMA ÉPOCA	18
3.1. A importância da música no ensino de história	18
3.2. As canções de protesto da banda	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
FONTES	24
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25

INTRODUÇÃO

A relação entre História e música está, há um bom tempo, difundida no meio acadêmico. As canções conseguem demonstrar a construção do cotidiano ao seu redor e a trajetória dos artistas funciona como um “espelho” da sociedade, que situa suas importâncias por meio de sua compreensão sobre o meio social.

Para poder alcançar o êxito nos estudos envolvendo História e Música será necessária a adoção de metodologias e bases teóricas que permitam o sucesso nesse objetivo. A música acaba recebendo significados diferentes, dependendo do meio em que é propagada, por isso para analisar a relação entre história se faz necessário respeitar o contexto em que a canção foi produzida, as influências sofridas pelo autor na composição, a pluralidade de ouvintes que têm maneiras diferentes de receber as mensagens musicais, dentre outros aspectos. Contudo, antes de adentrar no campo teórico-metodológico, será importante apresentar o objeto que norteia esse trabalho: a relação entre a história e as letras musicais da banda de rock nacional Engenheiros do Hawaii.

Este artigo é fruto de uma pesquisa que, desde a sua gestação, vislumbra perceber o entrelaçamento entre a história e as relações sociais através do rock brasileiro. Para tanto, a banda Engenheiros do Hawaii servirá como uma plataforma de observação e a década de 1980 será o nosso recorte temporal.

Em um primeiro momento, será apresentada uma visão panorâmica, historicamente falando, do contexto de surgimento da banda e das condições históricas que inspiraram as letras e canções. Para isso, o contexto histórico da década de 1980 será sintetizado à luz do historiador Eric Hobsbawn.

Mais adiante, na segunda parte do artigo, adentraremos em uma “carona” com o conjunto Engenheiros do Hawaii. O grande objetivo é analisar o lugar da banda, em questão, na História do Rock brasileiro. Nessa parte, discorreremos sobre a história da banda juntamente com o seu lugar no rock nacional.

Por último, na terceira parte do artigo, mergulharemos no universo das letras e canções tomando-as como retrato ou narrativas de uma época, esse talvez seja o grande fruto da relação entre História e Música. Nesse momento apresentaremos uma análise das letras e canções juntamente a um paralelo com os fatos acontecidos na década de 1980. E, ainda, mostraremos como um historiador ou, também, um professor de história poderia utilizar as músicas em seu trabalho.

Porém, para obter o resultado nessa pesquisa recorreremos a uma metodologia que fosse capaz de assegurar o devido tratamento ao nosso tipo de objeto, respeitando-o quanto as suas especificidades e o seu meio social. Dessa forma, a metodologia e teoria utilizadas na produção deste artigo foram baseadas no trabalho do Historiador Marcos Napolitano, em seu livro *História e Música*, que mostra que a música deve ser respeitada como objeto de pesquisa.

(...) O risco é cair num certo individualismo metodológico exagerado, desconsiderando determinantes sociológicas e culturais mais amplas, na legítima tentativa de mapear este “buraco negro” da vida musical: O mundo do ouvinte e suas formas de recepção da obra (NAPOLITANO, 2002, p. 22).

Portanto, a metodologia defendida por Napolitano será a diretriz desse trabalho por situar o autor com a possibilidade de analisar as músicas dentro de distantes perspectivas. Basicamente, o processo metodológico aqui utilizado se constituiu em levantamento e análise bibliográfica (em livros, artigos científicos, revistas, jornais, cyber espaços, dissertações de mestrado, etc.), levantamento da produção fonográfica da banda Engenheiros do Hawaii, análise das letras de músicas desse mesmo grupo (através de levantamento, leitura e interpretação), dentre outras abordagens.

Por fim, esse trabalho de conclusão de curso visa contribuir com história o campo da História Cultural e, mais especificamente, na relação História e Música. E, para isso, foi necessário compreender o contexto histórico aliado a produção musical do rock brasileiro. No mais, iremos pegar uma carona através da ótica da banda Engenheiros do Hawaii pela *infinita highway* que foram os anos 80.

1. ENTENDENDO A DÉCADA DE 1980

1.1. Breves comentários sobre meados do século XX

Para entender a década de oitenta se faz necessário regressar a períodos anteriores e perceber as mudanças que o mundo vinha passando. Por isso, começaremos este artigo com um panorama básico sobre meados do século XX e, por fim, partiremos para a década de 1980. Objetiva-se trazer relevantes informações sobre esse momento em que o globo estava enfrentando a conhecida Guerra Fria.

Os 45 anos que vão do lançamento das bombas atômicas até o fim da União Soviética não formam um período homogêneo único na história do mundo. Como veremos nos capítulos seguintes, dividem-se em duas metades, tendo como divisor de águas o início da década de 1970 (HOBBSAWN, 1995, p. 223).

O período da Guerra Fria ficou marcado como um confronto entre duas superpotências que defendiam correntes ideológicas completamente opostas e que emergiram após o fim da II Guerra Mundial. Assim, foi iniciada-se o conflito entre EUA (capitalismo) e URSS (socialismo).

Essa “Guerra” mostrou-se, basicamente, como uma corrida bélica (nuclear) e de disputas tecnológicas (ideologia do progresso dominante). A Guerra Fria, diferente das duas Grandes Guerras Mundiais, entrou no campo da ideologia e, dessa forma, influenciou substancialmente no contexto político da época. Como consequência política é obtida uma polarização do mundo contemporâneo em pró-comunistas e anticomunistas. O grande exemplo ou representação dessa dicotomia geopolítica é, sem dúvidas, o muro de Berlim. Construído em 1961 dividia a Alemanha Ocidental, de base ideológica capitalista, e a porção Oriental, que sofria influência do socialismo Soviético.

O desfecho da guerra deu-se através das cúpulas de Reykjavík (1986) e Washington (1987), momento no qual os países envolvidos entraram em acordo para acabar com o clima de instabilidade e ameaças mútuas que poderiam desaguar em uma guerra nuclear com proporções jamais vistas e que assustavam todo o mundo. O então presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan costurou um acordo de redução de arsenal nuclear com a URSS que, por sua vez, acelerou o fim da guerra fria e teve seu arremate com a queda do muro de Berlim.

Diversas consequências foram notadas após o fim do conflito. Dentre elas a mais marcante foi o esfacelamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), segundo Hobsbawn. Contudo, também houve certo equilíbrio de conflitos que moldavam a política global, antes mesmo da Segunda Guerra Mundial. “Estabilizou” conflitos armados em todo o mundo exceto na Europa, porém com um maior controle desses combates pelo receio de tomarem grandes proporções. E, além disso, lotou o mundo de armamentos dos mais variados, em quantidades exorbitantes.

O fim da guerra fria, grande esteio político condutor desde 1947, deixou o mundo em um caos. Uma completa desordem que manteve mudanças políticas, econômicas e culturais de forma globalizada.

Na economia destacamos a expansão financeira capitalista de meados do século XX conhecida como a “Era de Ouro” que pertenceu essencialmente, aos países capitalistas desenvolvidos, porém acabou respingando por todo o globo. A economia e a produção industrial se expandiam de forma avassaladora, a agricultura também expandiu em produtividade. Para Hobsbawn, os malefícios desse “progresso dominante” foram os altos níveis de poluição e deterioração ambiental em larga escala, que assolava principalmente os países subdesenvolvidos.

A economia mundial, portanto, crescia a uma taxa explosiva. Na década de 1960, era claro que jamais houvera algo assim. [...] O comércio mundial de produtos manufaturados aumentou dez vezes. Como vimos, a produção agrícola mundial também disparou, embora não espetacularmente (HOBSEBAWN, 1995, p. 257).

A partir disso, surge o que é chamado de um “boom” econômico. A indústria de bens e serviços se ampliou chegando a influenciar, inclusive, a vida da massa popular que também tirava o seu lucro dos bons tempos financeiros. Os eletrodomésticos eram frutos da grande revolução tecnológica causada pela Guerra Fria. No campo tecnológico houve avanços jamais vistos pelo homem (motor a jato, computadores, internet, GPS, radar e outros que geraram as posteriores tecnologias da informação pós- guerra).

A guerra fria transformou o cotidiano do mundo dos ricos e o dos mais pobres (mesmo em menor escala). O novo era sinônimo de melhor e isso penetrou no imaginário coletivo dos consumidores. Aliado a tudo isso, as novas tecnologias passaram a ser de capital intensivo, o que exigia uma menor mão-de-obra e acarretava no aumento, ainda mais, da margem de lucro.

A intensa necessidade de ampliação no número de mercados consumidores foi mais uma das consequências deixadas pelo fim da Guerra Fria. Portanto, é através desse aspecto que se torna possível entender o avanço na globalização e internacionalização de uma economia global. Pode ser compreendido como o início de uma “economia mista”, que facilitou o trabalho do Estado no planejamento e administração. Os governos viram-se na necessidade de assumir um maior compromisso com a redução das desigualdades, com a previdência e seguridade social. O mercado democratizou-se de certa forma, artigos que antes eram de luxo passaram a ser aceitos como necessidades. Era o nascimento de um capitalismo reformado depois dos conflitos e da grande depressão.

A prática do livre comércio, movimentos de capitais e moedas, passou a fazer parte de tratados e comércios internacionais e, aos poucos, para transnacionais que geraram empresas multinacionais, uma nova divisão internacional do trabalho.

Por meio dos efeitos proporcionados pela Globalização, a produção industrial começou a sair de seus países de origem e passaram a se expandir por vários outros pontos do planeta. Durante a “era do ouro” foi possível dividir a produção de um artigo em várias localidades, muitas vezes distantes. É plausível dizer que o globo se tornava uma unidade real. Como tudo que começa um dia termina o fim da Era do Ouro já era esperado, e acabou deixando como fruto uma profunda revolução por todo o mundo.

O mundo, depois do fim das grandes guerras, ficou diagnosticado como pós-industrial e pós-moderno. Houve uma imensa diminuição do campesinato, dando lugar para uma sociedade bem mais urbanizada no século XX. O grande contingente populacional começa a se concentrar nas camadas urbanas.

No campo educacional podem ser citados como aspecto modernizador os movimentos estudantis, principalmente em meados dos anos 80. Os estudantes se posicionavam, em sua grande maioria, na esquerda política influenciada pela difusão dos pensamentos marxistas (década de 60, agitação estudantil). Também houve uma maior difusão da educação superior mais acessível às distintas camadas sociais além de um salto na qualidade de ensino (na década de oitenta os universitários já eram contados em milhões, de ambos os sexos).

As causas dos trabalhadores igualmente sentiram efeitos desse contexto histórico de grande efervescência. Houve diversas mudanças importantes na classe operária e em seus movimentos pela transformação da vida desse grupo (domínio do, nós sobre o eu, remando contra a corrente da época). Dessa maneira ocorreu uma espécie de desmoronamento do bloco trabalhista, em função da ascensão dos operariados.

A consciência feminina passou por um processo de consolidação e ganho de mais solidez. As mulheres passaram a participar, cada vez mais, dos movimentos. Elas estavam ocupando mais postos em universidades (principalmente na década de 80), chefiando mais famílias, etc. Os próprios dados de aumento no número de divórcios mostram a conquista da independência feminina, as mulheres tornaram-se fundamentais para a revolução cultural, para mudanças na família tradicional e nas atividades domésticas através do movimento feminista.

Talvez as mudanças mais intensas e perceptíveis se mostrem na quebra de alguns padrões sociais vigentes até então. A “Crise da Família” é um grande exemplo disso. As tão famosas “famílias tradicionais” sofrem o impacto de uma época com maior liberalização de mulheres, jovens, homossexuais, etc.

A juventude parou de ser encarada como um estágio preparatório da vida e, com o passar do tempo, começaram a conquistar cada vez mais autonomia. Jovens com poder compra alto, por conta da era do ouro, movimentavam o mercado. O internacionalismo jovem o blues, jeans e o rock se tornaram marcas da juventude “moderna” da época.

Ainda seguindo essa linha de raciocínio a cultura jovem foi matriz da revolução cultural em modos e costumes. Sexo, drogas e *rock and roll* eram maneiras de protestar contra o estado, a igreja, a família tradicional e as demais instituições que antes disso conseguiam inibir essas práticas.

As mudanças sociais também se mostram no campo do imaginário social. Há, nesse momento, um triunfo do indivíduo sobre a sociedade, “o eu sobre o nós”, ou ainda o que podemos chamar de individualismo moral. Com isso grandes instituições, como Igrejas organizadas tradicionais no ocidente e a família tradicional, sofreram grande decaída desde então. A revolução cultural trouxe mudanças até ao sistema capitalista que percebeu que não podia passar muito tempo sem adequar-se a ela. Todos os fatos aqui relatados interferiram diretamente no cotidiano dos anos 80, período analisado no tópico a seguir.

1.2. Descobrindo os anos 80

Os anos 80 foi um período violento e recheado de fortes eventos que influenciaram o imaginário social dos brasileiros, além de todo o globo. A música, por ser um produto da sociedade, também não escaparia desses efeitos. Por isso, mais adiante, iremos fazer uma releitura dos principais fatos ocorridos nos anos 80 sob a ótica das letras musicais dos Engenheiros do Hawaii. Abaixo está uma lista com alguns desses acontecimentos relevantes como: o polêmico assassinato do cantor John Lennon em 08 de dezembro de 1980 que revoltou fãs no mundo inteiro, os boicotes mútuos nas olimpíadas (Moscou em 1980 e de Los Angeles em 1984) que representavam a disputa constante entre países capitalistas e socialistas; a eleição do presidente Ronald Reagan nos Estados Unidos (1981- 1989) com o seu atentado no dia 30 de Março do mesmo ano de sua eleição; a culminância da Guerra do Afeganistão (1979- 1989) e junto à carnificina de palestinos e libaneses em Sabra e Chatila

(um genocídio com cerca de 3.500 mortos); o Papa João Paulo II sofrendo um atentado na Praça de São Pedro (Vaticano) em 13 de Maio de 1981 (fato este que inspirou uma das composições mais famosas gravadas pela banda Engenheiros do Hawaii); o triste massacre da Praça Celestial na China em 1989, etc.

O papa João Paulo II, atingido por três tiros disparados por um terrorista turco quando cegava a Praça de São Pedro [...] Após beijar uma criança e ao se preparar para cumprimentar uma senhora idosa, soaram os disparos (entre quatro e seis) que também feriram duas mulheres (O GLOBO, 1981, ano LVI- Rio de Janeiro, quinta-feira 14 de maio de 1981_ nº 17. 366).

Os avanços tecnológicos eram mais evidentes a cada dia no início da chamada “Idade da Informação” e em 30 de Outubro de 1980 foi publicado o padrão da ethernet. Mas nem tudo correu como o planejado. Com as inovações tecnológicas em 1986 ocorre a fatídica explosão do ônibus espacial Challenger em 28 de Janeiro, resultando na morte dos sete astronautas, e a explosão do reator nuclear de Chernobyl na Ucrânia. Na economia mundial era um fato o fim da “Era de Ouro” um episódio relevante foi o chamada “*Black Monday*”, (segunda-feira negra) onde a bolsa de valores de New York teve queda histórica.

No Brasil ocorreram grandes mudanças como a primeira eleição para governador pluripartidária pós-golpe militar de 1964, em 1982. No ano seguinte o país enfrenta uma grave crise com a inflação chegando a cerca de 200% ao mês e uma maxidesvalorização do cruzeiro em 30%. Em 1984 acontecem as manifestações no Brasil pelas eleições diretas para presidente da república as “Diretas Já”. Finalmente, em 1985, se deu o encerramento do regime militar no Brasil onde foi eleito para presidente da República o mineiro Tancredo Neves, que morreu antes mesmo de assumir. Com isso, a cadeira presidencial é ocupada pelo então vice-candidato José Sarney, que implanta o plano cruzado no país.

Somente em 1988 a nação brasileira Promulga a Constituição da República Federativa do Brasil, dando início ao atual regime democrático. Dessa maneira, Fernando Collor de Melo se torna o primeiro presidente eleito no Brasil utilizando o voto direto, desde o início da ditadura civil-militar. Com a intenção de resgatar a valorização da moeda nacional, em 1990, foi Implantado o Plano Collor no Brasil. Entretanto, essa jogada econômica resultou em prejuízo para a maioria dos brasileiros, levando o então presidente da República a renunciar o cargo.

A década de oitenta, como foi possível notar neste capítulo, se transformou em um período muito turbulento em todo mundo, e isso não foi diferente no Brasil. Este país sofreu importantes mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais e é nesse contexto que nos faz pensar: Por que o mundo não acabou nos anos 80? É nesse contexto que nascem várias bandas de rock nacionais inclusive a que será aqui analisada, Engenheiros do Hawaii. O grupo gaúcho conseguiu transcender em suas composições a narrativa de uma época de tão conturbada e ao mesmo tempo rica em avanços culturais e tecnológicos.

2. O LUGAR DA BANDA ENGENHEIROS DO HAWAII NA HISTÓRIA DO ROCK BRASILEIRO

2.1. O que é Rock?

O rock é uma manifestação artística que teve seus primórdios na década de 50, nos EUA, com o guitarrista Chucky Berry, mas ganhou fama com o cantor Elvis Presley. Há uma vasta discussão sobre quem é o “pai do rock”, mas não vamos nos atentar a isso neste artigo. Para Paulo Pan Chacon, “O rock pressupõe a troca, ou melhor, a integração do conjunto ou vocalista com o público, procurando estimulá-lo a sair de sua convencional passividade perante os fatos”.

Ainda segundo Chacon, “O rock é um movimento de libertação do som e do corpo, formado a partir de outros ritmos como o tradicional *rhythm and blues* de matriz negra, o *country and western music* e a *folk music*¹”. O rock não é exclusivamente americano, ele é internacional. Não podemos esquecer-nos de bandas importantes como, *The Beatles* ou *Rolling Stones*, que influenciaram gerações incluindo a que nos interessa neste trabalho com seu rock progressivo².

Existiram vários tipos diferentes de tocar rock, como o *rock and roll*, o progressivo, punk, heavy metal, psicodélico, entre outros. Todos eles tinham sua forma peculiar de expressão social, musical e corporal. Esse estilo musical trazia estranheza à sociedade mundial como um todo, era considerada perigosa para os jovens, muito porque nas composições havia um protesto de cunho social introduzido. Este foi um movimento que mobilizou gerações a falar sobre o que pensavam e mudar seu modo de agir mediante as mazelas enfrentadas em um mundo com a guerra fria em curso.

¹ Trecho encontrado no livro: O que é Rock de Paulo Pan Chacon.

² Subgênero do rock que surgiu na Inglaterra na década de 60.

2.2. O rock no Brasil

No Brasil o movimento musical era mais voltado a produção de músicas de protesto contra o sistema, principalmente na década de 60 pós-golpe militar em que a MPB (música popular brasileira) fazia o papel de voz contra o regime totalitário. Nesta década surgiu a *Jovem Guarda*, um estilo musical próprio do Brasil que mais se aproximava do rock and roll, no entanto ainda era muito tímido em sua forma de apresentação chegando a ser atrasado em comparação ao rock inglês, por exemplo.

O *tropicalismo* foi outra vertente artística, dos finais dos anos 60, que encaminhou a chegada do rock ao Brasil trazendo inovações na forma de se vestir, nas canções no comportamento, influenciando os mais variados tipos de arte no país. Mas foi na década de 80 que o rock ganhou força no Brasil, que ficou conhecido como *BRock*³.

A década de 80 é conhecida por seu “boom” musical, especialmente no que se diz respeito ao rock. Várias bandas desse estilo foram surgindo em todo o país, principalmente no eixo Rio de Janeiro - São Paulo – Brasília. No qual surgiram bandas como Os Paralamas do Sucesso, Blitz, RPM, Barão Vermelho, Legião Urbana, Capital Inicial, Titãs, Engenheiros do Hawaii e muitas outras que fazem sucesso até os dias atuais por suas letras de protesto. Essas bandas apresentavam uma pegada punk⁴ e músicas que traziam um discurso mais periférico com um som forte que encantava os jovens da época, que estavam prestes a sair de anos de repressão militar.

Um grande marco para essa geração foi a consagração do Brasil no rol dos grandes shows musicais com a criação do Rock In Rio. O festival, que hoje faz parte do calendário das festividades brasileiras, ocorreu pela primeira vez entre os dias 11 e 20 de janeiro de 1985. O evento ficou marcado por trazer em suas atrações bandas como Iron Maiden, Scorpions, Ozzy Osbourne, AC/DC, etc. A música brasileira foi representada por Erasmo Carlos, Paralamas do Sucesso, Kid Abelha, Gilberto Gil e Moraes Moreira, além dos ex-integrantes dos Novos Baianos, Pepeu Gomes e Baby Consuelo. Entretanto, para muitos amantes do rock, o ápice do festival foram os shows da banda Queen e do Barão Vermelho, com a presença de Freddie Mercury e Cazuza nos vocais das bandas, respectivamente. Ambos os cantores não voltariam a se apresentar nos festivais futuros, pois faleceram no início dos anos 90 vitimados pela AIDS. Porém, no mesmo dia do rock in rio estava havendo, em Porto Alegre, o primeiro show da banda Engenheiros do Hawaii.

³ Termo utilizado pelo escritor Artur Dapieve em seu livro: BRock o Rock Brasileiro dos anos 80.

⁴ Movimento eu surgiu na década de 70 que se opunha ao rock progressivo.

2.3. Conhecendo os Engenheiros do Hawaii

Criada para durar uma noite só, com o intuito de substituir outra banda local que não pode participar do evento, esse grupo acabou dando passos importantes que os levaram a cena do rock nacional dos anos 80. Como, por exemplo, a participação inesperada na coletânea Rock Grande do Sul⁵.

A banda era formada, inicialmente, por Humberto Gessinger (vocal e guitarra), Carlos Maltz (bateria) e Marcelo Pitz (contrabaixo) estudantes do curso Arquitetura da UFRGS. Os integrantes não tinham uma boa carga de musical, eram muito mais um grupo da faculdade que queria se divertir do que pessoas que encaravam a música de maneira profissional. Pitz já tocava baixo em outras bandas locais, Maltz tinha viajado por vários países do mundo, enquanto Gessinger ficava apenas em sua cidade Porto Alegre, na maioria das vezes reservado no quarto ouvindo música e escrevendo o que mais tarde seriam as principais composições que alçaram a banda nas paradas do sucesso nacional.

O grupo de amigos começou a ensaiar na casa do baterista Carlos Maltz, conforme é retratado no livro *Infinita Highway: uma carona com os Engenheiros do Hawaii*, de Alexandre Lucchese⁶. A banda passou a fazer shows em bares de Porto Alegre e em festas ploc's⁷, depois se expandiu para o interior do estado até romper as barreiras regionais e surgir no rock brasileiro. O primeiro álbum, *Longe Demais das capitais*, fora lançado logo em seguida, no ano de 1986, contendo músicas como *Toda Forma de Poder* que fez parte da trilha sonora da novela global Hipertensão⁸. Esse foi o único álbum gravado com Pitz que deixou a banda em 1987, mesmo fazendo o sucesso que garantiu o primeiro disco de ouro da banda. Com a saída prematura do baixista, Gessinger se dedicou a aprender tocar contrabaixo para manter a banda. Nesse momento surge a figura de Augusto Licks que já trazia uma bagagem musical de parcerias com grandes nomes da MPG (Música Popular Gaúcha), como Nei Lisboa⁹. Este último tornou-se um nome que muito ajudou na trajetória dos Engenheiros do Hawaii, inclusive fazendo participação no disco *A Revolta dos Dândis* com a música *Os Guardas da Fronteira*.

Com a formação, que ficou conhecida como, GL&M a banda gravou 05 grandes álbuns, que falaremos na próxima parte deste artigo, com destaque para o da década de 1990,

⁵ Coletânea musical de bandas locais do Rio Grande do Sul, selecionadas em 1985 pela gravadora RCA.

⁶ Escritor e Jornalista do Jornal Zero Hora.

⁷ Festas comuns na vida noturna dos anos 80 predominante no Rio de Janeiro.

⁸ Telenovela produzida pela Rede Globo de televisão exibida em 1987.

⁹ Cantor, compositor e escritor do Rio Grande do Sul.

nomeado *O Papa é Pop*, que mesmo sendo comercializado em uma crise¹⁰ financeira, rendeu a banda o seu único disco de platina.

Juntos, os Engenheiros do Hawaii enfrentaram a polarização do rock brasileiro com um som mais ligado a MPB de que ao punk, que era o movimento mais presente da época e trazia uma mensagem de “revolução” na sociedade. Também tiveram de vencer as duras críticas das mídias e suas próprias dificuldades pessoais, já que os integrantes tinham fama de introvertidos, reservados e problemáticos. Gessinger consegue sintetizar esses aspectos na seguinte frase proferida em uma entrevista: “[...] A gente é pop demais pra ser rock, rock demais pra ser pop e MPB demais pra ser os dois”.¹¹

O conjunto musical que vivia “longe demais das capitais” tinha uma relação forte com a sua região de origem, mas, se viu obrigada a deixar porto alegre para abranger os seus horizontes musicais. Até por isso os Engenheiros do Hawaii sofriam com a resistência da mídia que criticavam as aliterações, rimas constantes nas letras e a teimosia em não ceder a onda pop que pedia sons mais modernos, nesse quesito, excetuamos o álbum *O Papa é Pop* que foi produzido com os elementos pop, incluindo guitarra, bateria eletrônica e o grupo Golden Boys¹² participando dos refrãos.

No entanto, os admiradores da banda não se importavam com as críticas e acompanhavam-na, inclusive formando fã-clubes para seguir a carreira do grupo. Segundo Ricardo Alexandre, “os engenheiros pareciam alheios ao mundo a seu redor, vivendo num universo do qual só faziam parte o trio e os seus fãs” (ALEXANDRE, 2002, p. 333).

Gessinger, o líder da banda, tinha fama de ser compulsivo e perfeccionista em suas composições, que formaram a grande maioria da discografia da banda. Geralmente a banda fazia seus discos em estúdios da gravadora RCA, atual BGM, onde o líder da banda costumava participar de cada etapa das gravações. Uma curiosidade bastante interessante é que a gravação da música *Era um garoto que como eu amava os Beatles e os Rolling Stones*¹³, que fez sucesso na jovem guarda dos anos 60 na voz de *Os Incríveis*, foi a única que não é composição própria dos Engenheiros do Hawaii.

A banda seguia o estilo do rock progressivo, mais ligado aos The Beatles, com um estilo *new wave*, muito comum a época, que trazia uma musicalidade mais eletrônica

¹⁰ Plano econômico do presidente Fernando Collor de Melo.

¹¹ A entrevista está disponível no link; <https://www.youtube.com/watch?v=43JvgkeSQPM>. E o trecho citado começa nos primeiros 30 segundos de reprodução do vídeo.

¹² Uma das bandas do movimento jovem guarda do Brasil.

¹³ Letra original do italiano Brancato Júnior.

distanciada da agressividade do punk. Assim, os Engenheiros do Hawaii se distinguem dos demais grupos através de um som próprio e inconfundível.

A banda possui uma identificação muito forte com sua cidade de origem e isso pode ser notado nas capas dos discos lançados ao longo da carreira. Por exemplo, a capa do primeiro álbum mostra os integrantes em um campo aberto, próximo da cidade de Porto Alegre. Os discos *A Revolta dos Dândis* (1987), *Ouçã o que eu digo, não ouçã ninguém* (1988) e *Várias Variáveis* (1991) mostram a cor da bandeira do Rio Grande do Sul (amarelo vermelho e verde). A engrenagem tornou-se um símbolo representativo da banda a partir do segundo álbum, recebendo diferentes adornos durante as muitas produções de outros discos.

As músicas da banda traziam um tom de MPB com letras de protesto político-social. Porém, os Engenheiros carregavam o rock como bagagem e tinham maior liberdade de expressão com o fim da ditadura civil-militar do Brasil. O grupo chegou a tocar em comícios com posições políticas em favor de Leonel Brizola¹⁴ e Lula¹⁵, durante a campanha presidencial de 1989.

Durante a canção, Augustinho Licks fazia referência a diferentes hinos, [...] mas foi o jingle da campanha de Lula que uniu a massa. [...] No mês anterior o candidato petista havia perdido no segundo turno as eleições para Fernando Collor, em uma das disputas presidenciais mais acirradas e polêmicas do Brasil (LUCCHESE, 2016, p. 239).

A banda fez uma viagem a trabalho para Moscou, em 1989, quando o mundo ainda era dividido pela Guerra Fria, no dualismo capitalismo versus socialismo, e não puderam trazer o dinheiro para o Brasil porque não valeria um só centavo.

[‘Nossos olhos capitalistas reviravam Moscou atrás de qualquer coisa que pudesse ser comprada e nada’, contou Gessinger no artigo ‘Um roqueiro na terra da Perestroika’ publicado no Jornal do Brasil de 22 de Julho de 1990 e, mais tarde, publicado no livro mapas do acaso] (LUCCHESE, 2016, p. 231).

¹⁴ Líder político brasileiro foi governador eleito pelo povo nos estados do RJ e RS.

¹⁵ 35º presidente do Brasil de 2003 a 2011.

3. HISTÓRIA, LETRAS E CANÇÕES: A NARRATIVA HISTÓRICA DE UMA ÉPOCA

3.1. A importância da música no ensino de história

A serventia da relação entre História e Música não fica apenas no campo de atender desejos particulares de pesquisas acadêmicas, pois vai muito além disso. A música, como reflexo da sociedade, traz consigo uma memória que sempre é visitada por quem a ouve. No Brasil da segunda metade do século XX a música de protesto ocupa um lugar de destaque e resistência nos apresentando contextos históricos que podem ser revisitados assim que ouvimos as canções. Por tudo isso, a música tornou-se uma ferramenta didática indispensável para o ensino de História, podendo aparecer como um tema transversal.

Na educação brasileira, a música é conteúdo obrigatório como prevê a Lei nº 11.769¹⁶, de 18 de agosto de 2008. Segundo § 2º do artigo 26º, “A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo”. Com isso a música passa a ganhar a devida importância de sua utilização em sala de aula como um recurso didático facilitador do processo de ensino- aprendizagem dos discentes. Se tratando especificamente do ensino de História a música atua auxiliando o professor na tarefa de expor o conteúdo à classe de forma clara e deixando de lado os métodos “tradicionais” de educação. Hoje em dia, por conta da propagação da tecnologia, explorar a música como meio didático se transformou em um método de simples execução e recepção do tema.

Valerá muito ao professor utilizar a música em suas aulas, mas é preciso dedicar-se ao seu estudo, procurando compreendê-la em sua amplitude. Desenvolvendo o prazeroso trabalho de sempre escutar os mais variados sons em suas combinações infinitas, com os “ouvidos atentos”, e também ler o que for possível a respeito (FERREIRA, 2010, p. 13-14, apud SOUZA, 2013, p. 04).

O educador deve utilizar as canções não apenas como objeto de demonstração de uma determinada época. Mas sim, levar o aluno a uma consciência histórica que tenha a ver com o conteúdo percorrido na unidade, observando todo o processo de construção da composição, o autor, o contexto histórico, buscando as versões produzidas e propagadas no período examinado. Dessa maneira, levará o aluno a uma maior aproximação com o marco

¹⁶ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm

temporal discutido, sempre considerando a pluralidade e a bagagem cultural dos alunos a respeito da audição das canções.

Porém, aqui deveremos voltar o olhar para o nosso objeto de pesquisa, abordaremos a utilização de canções da banda Engenheiros do Hawaii. O conjunto trazia em suas composições, além de mensagens de amor, a narrativa de uma época repleta de mudanças em diversos aspectos que foram elencados neste trabalho anteriormente. Aqui vamos analisar algumas canções da discografia banda até o ano 1990, mostrando os variados discursos e as simbologias nelas contidos aliando, sempre, a sua importância de utilização pelo professor de História.

3.2. As canções de protesto da banda

A primeira música a ser analisada é Toda Forma de Poder, composta por Humberto Gessinger. É a faixa nº 01 do primeiro disco da banda Longe Demais das Capitais, que recebeu esse nome pelo sentimento da banda de estar longe demais dos eixos musicais do Brasil na época, gravado em 1986 pela RCA (SP) e produzido por Reinaldo Barriga:

Eu presto atenção no que eles dizem
Mas eles não dizem nada (Yeah, yeah)
Fidel e Pinochet tiram sarro de você que não faz nada (Yeah, yeah)

[...] Toda forma de poder é uma forma de morrer por nada
Toda forma de conduta se transforma numa luta armada
A história se repete
Mas a força deixa a história mal contada
(GESSINGER, 1986).

Na primeira estrofe da música encontramos, já no primeiro verso, uma crítica a busca do poder e em seguida o músico faz referência a Fidel Castro (primeiro ministro, de 1959 a 1976, e presidente de Cuba, de 1976 até 2008) líder de um governo ditatorial com ideologias socialistas ligadas a esquerda política, e a Augusto Pinochet que se tornou ditador do Chile, de 1973 a 1990, que apresentava um modelo de governo associado a extrema direita. A canção traz crítica a ambos os governos autoritários, criticando o estado de anestesia que o mundo vivia enquanto, apenas, acompanhava as mudanças feitas pelo desenrolar dos embates. Além disso, no trecho “toda forma de poder é uma forma de morrer por nada” é possível notar, mais uma vez, crítica ao poder e esse fato contribuía para o adjetivo de “anarquistas” que era, continuamente, associado aos componentes da banda.

Também é possível perceber uma concepção de história cíclica juntamente a uma condenação da história produzida pelos vencedores, já que “a força deixa a história mal contada”. E, por último, a canção contém uma assertiva sobre o crescente ressurgimento de correntes ideológicas ligadas ao neofascismo como, por exemplo, em: “o fascismo é fascinante, deixa gente ignorante fascinada”.

Beijos Pra Torcida faixa seis, última do lado “a” do primeiro álbum da banda, também composta por Gessinger, é uma caricatura do período da guerra fria. Mostra a insegurança constante de viver em um mundo separado por ideologias, muros, cercado por ameaças de ataques nucleares, com a deflagração de uma possível terceira guerra mundial que ninguém poderia impedir, nem mesmo os manifestantes que protestavam pela paz. Dessa forma, essa canção apresenta uma forte influência do estilo blues, e traz um espectro negativo das diretrizes que a nova geopolítica tomava na segunda metade da década de oitenta, como é possível presenciar nos seguintes trechos:

Quando eu abro a janela
Quando eu abro o jornal
Eu vejo a cara dela:
A terceira guerra mundial.

Rebeldes sem rebeldia [...]
Gripados na guerra fria [...]

Em todo lugar, um pedaço do fim
Um furo de bala, um muro de Berlim [...].
(GESSINGER, 1986).

A Revolta dos Dândis é um álbum de 1987, o segundo dos engenheiros, o nome é derivado de um capítulo do livro O Homem Revoltado de Albert Cammus. Seguiu a mesma linha de gravação e produção do primeiro disco, com a exceção da saída do baixista Marcelo Pitz e a entrada do guitarrista Augusto Licks na formação. A faixa nº 01, que leva o mesmo do vinil, trata da visão dos jovens brasileiros sobre o período de inconsistência no qual viviam nos anos oitenta onde se sentiam “estrangeiros passageiros de algum trem que não passa por aqui”, tomando como referência a obra de Cammus “O Estrangeiro”. Nos versos “Entre americanos e soviéticos/ Gregos e troianos/ Entra ano e sai ano/ Sempre os mesmos planos”, fica nítida a presença da Guerra Fria no imaginário social que tinha como foco os mesmos planos de mais poder tecnológico e bélico em ambos os lados. Em A Revolta dos Dândis II, faixa nº 06 do lado “b”, confirma-se a perspectiva do desengano com os lados da política na

ocasião em que a disputa entre capitalismo e socialismo regia os passos do mundo. Vejamos a estrofe abaixo:

Esquerda & direita, direitos e deveres,
Os três patetas, os três poderes
Ascensão e queda são dois lados da mesma moeda
Tudo e igual quando se pensa
Em como tudo poderia ser
Há tão pouca diferença e há tanta coisa a escolher.
(GESSINGER, 1987).

A faixa nº 02 do segundo álbum do grupo, intitulada Terra de Gigantes, com composição de Gessinger, alcançou um lugar especial na carreira dos Engenheiros do Hawaii. Quando reproduzida nos remete a um anseio dos jovens dos anos oitenta em falar sobre seus sentimentos utilizando o rock. Ela retrata um momento de incertezas em que todo mundo parecia uma “ilha”. No verso do refrão “nessa terra de gigantes que trocam vidas por diamantes” se evidencia, por exemplo, mais uma vez a crítica ao capitalismo e sua busca desenfreada pelo poder.

Hey, Mãe!
Tem uns amigos tocando comigo
Eles são legais, além do mais
Não querem nem saber
Mas agora lá fora
Todo mundo é uma ilha
Há milhas, e milhas, de qualquer lugar

[...] As revistas, as revoltas, as conquistas da juventude
São heranças, são motivos pras mudanças de atitude
Os discos, as danças, os riscos da juventude
A cara limpa, a roupa suja, esperando que o tempo mude.
(GESSINGER, 1988).

Os versos “as revistas, as revoltas/ as conquistas da juventude/ São heranças, são motivos/ pras mudanças de atitude”, demonstram certo saudosismo pela juventude das décadas anteriores que, enquanto o Brasil passava por uma ditadura civil-militar com uma forte censura a cultura, encontravam em canções com figuras de linguagem uma forma de protestar contra o regime.

Na letra da canção *Alívio Imediato*, faixa nº 02 do álbum de mesmo nome, também foi escrita pelo líder da banda. O disco em questão foi gravado ao vivo em 1989 no Canecão e nos estúdios BMG (RJ), com produção de Marcelo Sussekind, e tornou-se um divisor de águas na consolidação dos Engenheiros do Hawaii no mercado fonográfico.

Voltando para a análise da canção, nos deparamos com a narração de alguns eventos históricos como, por exemplo, a aproximação da Líbia com a União Soviética na década de 1970. Esse acontecimento rendeu popularidade nos noticiários mundiais da década seguinte como país “patrocinador do terrorismo internacional”, o que causou alguns ataques como o massacre de Sabra e Chatila, já citados anteriormente, e a ofensiva da aviação americana de Abril de 1986 que deixou cerca de 130 mortos.

Outro fato com destaque na música Alívio Imediato é a descoberta do vírus HIV, causador da doença fatal conhecida na época como SIDA, que ataca o sistema imunológico e é transmitido pelo contato com sangue, leite materno e através de relação sexual. Por isso há o uso do termo “A libido e o vírus”, o qual será destacado na estrofe estudada aqui, já que a libido é o substantivo utilizado para denominar a energia vital que está na base dos os impulsos sexuais em homens e mulheres. No Brasil o caso passou a ser alvo de maiores discussões quando o artista Cazuza foi diagnosticado com a doença que lhe tirou a vida em 1990. Gessinger demonstra uma necessidade de alívio profundo e imediato para o mundo que passa por mudanças em uma velocidade inquietante, mais uma vez por consequência da guerra como visto no trecho: “Duas Alemanhas/ duas Coreias/ tudo se divide/ todos se separam”. No qual é feita uma alusão à bipolarização do globo, simbolizada no muro de Berlim que dividia as “duas Alemanhas”.

O melhor esconderijo, a maior escuridão
Já não servem de abrigo, já não dão proteção
A Líbia é bombardeada, a libido e vírus [...]

Que a chuva caia, de repente caia
Como uma luva, um dilúvio, um delírio
Que a chuva traga, alívio imediato [...]

[...] Há um muro de Berlim dentro de mim
Tudo se divide, todos se separam
(Duas Alemanhas, duas Coreias)
Tudo se divide, todos se separam.
(GESSINGER, 1989).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como foco o exame do que representou as mudanças da segunda metade do século XX, no imaginário da sociedade dos anos oitenta. Com atenção aos jovens brasileiros se espelhando na narrativa das canções da banda brasileira Engenheiros do Hawaii, que na ocasião estavam em meio à transição de um período de opressão da ditadura para a democracia. O mundo, em geral, estava cheio de novidades e a juventude dessa época expressava sua opinião com canções e estilo de vida Rock and roll.

A análise das composições e da biografia da banda nos permite enxergar o cenário juvenil da década de 80, os sentimentos, as preocupações e dúvidas que os motivavam a escrever discursos de protestos contra o tipo de política feito no mundo bi polarizado pela Guerra Fria. Criando assim um estilo de rock nacional com influência de artistas de décadas anteriores que já haviam passado por processo semelhante de receios quanto ao modo de viver.

Através desse estudo compreendeu-se que a década de 1980 trouxe diversos fatos históricos e que, por ser produto social, a música se manteve atrelada ao contexto histórico em questão. Foi um momento ímpar para a História e esse período pôde ser vivenciado através da efervescência de uma juventude que conseguiu deixar uma herança até os nossos dias.

Portanto a proposta de análise apresentada por este trabalho de conclusão de curso contribuirá para futuras pesquisas sobre o tema abordado. Como também, para auxiliar professores em sala de aula com o método de uso da música como recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem, facilitando a relação entre teoria e prática do ensino. E, juntamente a isso, mostrar a música como fruto e reflexo da sociedade, onde através dela é possível rememorar fatos, contribuindo assim para o trabalho do Professor e/ou Historiador.

FONTES

Álbuns:

Engenheiros do Hawaii. Álbum: *Longe Demais das Capitais*. RCA- SP. 1986; disponível em: <https://open.spotify.com/search/results/longe%20demais%20das%20capitais>.

Engenheiros do Hawaii. Álbum: *A Revolta dos Dândis*. RCA- SP. 1987; disponível em: <https://open.spotify.com/search/results/A%20revolta%20dos%20dandis>.

Engenheiros do Hawaii. Álbum: *Alívio Imediato*. BMG (ao vivo) – RJ. 1989; disponível em: <https://open.spotify.com/search/results/Alivio%20Imediato>.

Engenheiros do Hawaii. Álbum: *O papa é pop*. BMG- RJ. 1990; disponível em: <https://open.spotify.com/album/2kiDkXNxuQME25DEUWiNkw>.

Jornais:

O Globo, Ed. n° 17. 366- Rio de Janeiro, quinta-feira, 14 de maio de 1981.

O Globo, Ed. n° 18.004- Rio de Janeiro, sábado, 19 de Fevereiro de 1983.

O Globo, Ed. n° 18.407- Rio de Janeiro, terça-feira, 1 de Abril de 1984.

O Globo, Ed. n° 18. 694- Rio de Janeiro, terça-feira, 15 de Janeiro de 1985.

O Globo, Ed. n° 20.029- Rio de Janeiro, sexta-feira, 23 de Setembro de 1988.

Sites:

<https://acervo.oglobo.globo.com> último acesso em: 16/02/2019 às 14h34min min.

<http://engenheirosbiocuri.blogspot.com> acesso em: 05/02/2019 às 20h07min.

<https://som13.com.br/engenheiros-do-hawaii/biografia> acesso em: 05/02/2019 às 21h43min.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABUD, Kátia Maria. **Registro e representação do cotidiano: a música popular na aula de história**. Campinas: Cadernos Cedes, v. 25, nº 67. p. 309-317, 2005.
- ALEXANDRE, Ricardo. **Dias De Luta: O Rock e o Brasil dos Anos 80**. Porto Alegre: Arquipélago, 2002.
- ALMEIDA, Gustavo Balbuena de. **“O exército de um homem só”: A afirmação gaúcha na obra de Humberto Gessinger**. João Pessoa: SÆculum - REVISTA DE HISTÓRIA, jan./jun. 2015. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/27095>. Acesso em: 03 de janeiro de 2019.
- BARONI, Lana L. **A perpetuação da MPB na banda Engenheiros do Hawaii (1984-2009)**. Curitiba: Cadernos de Clio, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/clio/article/view/40427>. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.
- BEZERRA, Kennedy Santos. **Fúria de Titãs: sons e ideia do Brasil Republicano**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, 2018. (Monografia de Graduação em História). Disponível em: <http://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/9896>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.
- BORGES, Leonardo. **O Discurso Político- Social em Letras de Música dos anos de 1980/90 dos Engenheiros do Hawaii**. Goiânia: UFG (TCC). Disponível em: https://letras.catalao.ufg.br/up/508/o/Leonardo_Borges.pdf. Acesso em: 09 de janeiro de 2019.
- BUSCAIO, Gabriela Cordeiro. **O campo artístico brasileiro na redemocratização política-MPB e Rock Nacional**. Natal: ANPUH XXVII Simpósio Nacional de História, 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364911173_ARQUIVO_Ocampoartisticobrasileironaredemocratizacaopolitica.pdf. Acesso em: 28 de dezembro de 2018.
- CARDOSO, Ciro Flamarion Cardoso; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- CHACON, Paulo. **O que é Rock?(Coleção primeiros passos)**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- FERREIRA, Martins. **Como usar a música em sala de aula**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- GESSINGER, Humberto. **Pra Ser Sincero: 123 variações sobre um mesmo tema**. Brasil: Belas Letras, 2009.
- GROPPO, Luís Antônio. **A gênese do Rock dos anos 80 no Brasil: ensaios, fontes e mercado juvenil**. Campinas: Música Popular em Revista, p. 172-96, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://www.publonline.iar.unicamp.br/index.php/muspop/article/view/76>. Acesso em: 26 de novembro de 2018.
- HOBBSBAWN, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX (1914- 1921)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- HUMMES, Júlia Marta. **Por que é importante o ensino de música? Considerações da música na sociedade e na escola**. Porto Alegre: Abem, nº 11, p. 17-25, 2004.

LUCCHESE, Alexandre. **Infinita Highway: uma carona com os Engenheiros do Hawaii**. Caxias do Sul: Belas Letras, 2016.

NAPOLITANO, Marcos. **História e Música: história cultural da música popular**. Brasil: Autêntica, 2002.

NAPOLITANO, Marcos. **Fontes audiovisuais: A História depois do papel**. In: PINSKY, Carla B. & Outros. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

ROCHEDO, Aline do Carmo. **BROCK: O ensino de história por meio do rock brasileiro nos anos 1980**. Rio de Janeiro: ANPUH Anais do XV Encontro Regional de História, 2012. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/303402192/BRock-O-Ensino-de-Historia-Por-Meio-Do-Rock-Brasileiro-Nos-Anos-80>. Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **Padre Zezinho, um cidadão do infinito: canções reflexões- Uma análise sócio-teológica e histórica**. Aracaju: Práxis Pedagógica: Revista do Curso de Pedagogia, Vol. 3; Nº 4, Jan/Jun. 2015. Disponível em: <http://docplayer.com.br/24219675-Padre-zezinho-um-cidadao-do-infinito-cancoes-e-reflexoes-uma-analise-socio-teologica-e-historica.html>. Acesso em: 05 de dezembro de 2018.

SANTOS, Claudefranklin Monteiro. **“A Casa de Satanás”: Fé, Música e Ressignificação Religiosa na trajetória de Edson Gomes**. Anais dos Simpósios da ABHR, Vol. 13 (2012). Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/627>. Acesso em: 20 de novembro de 2018.

SANTOS, Melissa. **Engenheiros do Hawaii: história**. Site disponível em: www.engenheirosdohawaii.com.br. Acesso em: 23 de dezembro de 2018.

TENÓRIO JÚNIOR, Lanilson Luiz Gomes. **Várias Variáveis: O Brasil dos anos 80 pelas músicas dos Engenheiros do Hawaii**. Campinas: Universidade Anhembí Morumbi, 2013.